

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

O AMOR E A JUSTIÇA

O «Diário de Lisboa», de 26 de Abril publicava o seguinte eco:

«Segundo Schuman, a liberdade e a justiça são os princípios essenciais da vida cristã. É bom não esquecer também o preceito do amor que condiciona a liberdade e a justiça:

—«Amai-vos, amai-vos uns aos outros».

Porque há tantos séculos estas palavras, cheias de vida, são letra morta para os que interpretam os Evangelhos, tendenciosamente, como se nelas não estivesse a própria verdade?»

Gostariamos de ver mais clara a intenção do comentário. Há quem interprete os Evangelhos tendenciosamente?

Mas também há quem os queira interpretar com alma, por um ideal ardente, capaz de transformar o mundo.

Dostoevski punha as suas ideias na boca dum doido, convencido como estava de que é preciso ser maluco para exprimir ideias novas. Os homens que trazem ideias novas são sempre considerados como loucos. Mas o tempo vem depois dar-lhes muitas vezes razão!

Mal ia ao mundo se não despontassem em cada geração espíritos inconformistas, ansiosos de progresso, ousados, a sacudir as paradas águas das ideias feitas. É preciso caminhar sempre mais e sempre melhor. Caminhar é já, em si mesmo, inconformismo.

Caminhar sempre mais e sempre melhor, é responder ao apelo vibrante de Cristo: «sêde perfeitos como Vosso Pai celeste é perfeito». Ansia de infinito, fome de progresso total, aperfeiçoamento da Humanidade, eis a tortura das almas com fome de infinito.

Os Evangelhos têm andado esquecidos, cobertos de poeira por essas pobres estantes. Trazê-los hoje para a vida é esquentar como ferro em brasa.

Amái-vos uns aos outros!

Mas o amor é renúncia do «eu», em benefício do «tu».

Doação de si mesmo para bem de todos. Uma sociedade que se revê na matéria que enobreceu e se esquece dos homens que se degradam na produção dessa mesma matéria, não é sociedade cristã.

Quando a fábrica for comunidade de irmãos que se amam e se auxiliam, nesse momento deixará de haver a questão social.

(Continua na 6.ª página)

VINTE ANOS DE GOVERNO

Passou no dia 27 de Abril o 27.º aniversário da entrada do Sr. Dr. Oliveira Salazar para o Governo da Nação portuguesa.

Não pode «O Trabalhador» deixar passar o acontecimento sem o registar nas suas colunas.

Vinte anos consecutivos de Governo é um caso único em regimes republicanos. Se pensarmos em que vinte anos de Governo em épocas conturbadas cansam e envelhecem os mais vigorosos, mas não conseguiram desgastar o brilhante espírito do senhor Presidente do Conselho, não nos admiraremos de que o acontecimento tivesse sido comemorado como merecia.

Porque os nossos leitores já tomaram conhecimento pelos jornais diários da maneira como decorreram as homenagens prestadas ao Sr. Dr. Oliveira Salazar em data tão memorável, deixamos aqui arquivadas, para conhecimento dos nossos leitores, as palavras com que Sua Excelência quis, nesse dia, focar, perante a Nação, o seu pensamento sobre o problema social:

Considerado o problema social no sentido corrente de justiça na distribuição das riquezas, foi-se apenas lógico ao colocá-lo depois do problema económico, mas, com proceder assim, marcou-se ao mesmo tempo a posição de princípio — que para se distribuir é necessário primeiro criar. Sem o desenvolvimento económico, ou seja sem o aumento da riqueza, a melhoria porventura conseguida neste domínio e fosse qual fosse a pressão do operariado ou do Estado, não nos satisfaria inteiramente. De mais tornou-se claro pelas considerações anteriores que o Tesouro teve de exigir para si maiores tributos e a produção, em face de mais instantes necessidades, tenderia a fazer maiores capitalizações. Tudo aconselhava pois, a caminhar com prudência, sem prejuízo de se remediar desde logo o que a justiça reclamasse ou a vida e dignidade do próprio trabalhador impusessem.

Visto o problema fora da influência dos dissídios particulares, e dos chamados conflitos de classe, deve entender-se que a maior dificuldade a vencer aqui é o baixo rendimento nacional de que temos de viver — Estado, serviços, funcionários, pensionistas, profissões liberais e operariado afinal praticamente todos os portugueses. Elevar esse rendimento por habitante é condição essencial da real melhoria de vida em todas as classes. E ainda que a justiça social seja de exigir sempre as suas aplicações só podem trazer vantagens apreciáveis quando se disponha de economia sólida e constituída.

Isto representa a linha geral da solução mas, à margem dela — e espero que sem a prejudicar gravemente —, foram-se acumulando nos

INQUÉRITO ÀS NOSSAS LEITORAS

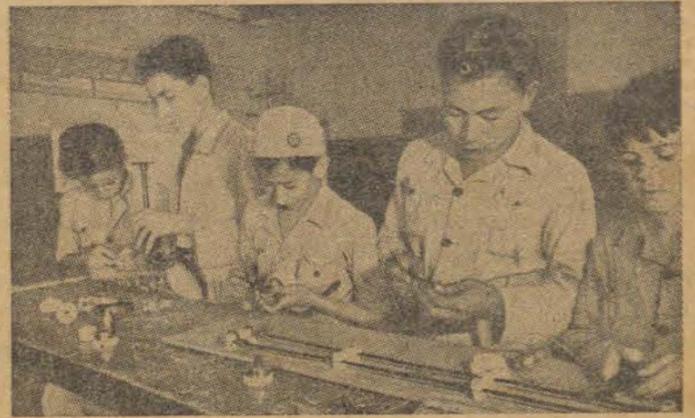
Chamamos a atenção dos nossos leitores para o inquérito que lançamos neste número. Vejam a página do «Lar».

anos decorridos vantagens materiais, atribuídas aos trabalhadores, em salários, abonos de família, contratos colectivos, férias pagas, segurança do trabalho, habitação, higiene, garantias jurídicas e sociais, e para muitos ainda subsídios ou pensões na doença, na invalidez e na morte. Duas notas são essenciais à compreensão dos factos, e caracterizam só por si a nova política social: nenhuma vantagem houve de ser conquistada à maneira socialista, em luta com a classe patronal; as melhorias de situação conseguidas excedem muito o que foi prometido, pedido ou reclamado antes de nós pelo mundo do trabalho, sem que este aliás deixasse de ser juiz e estrénuo defensor das suas reivindicações.

No meu modo de ver porém o problema social não havia de limitar-se à conquista de regalias materiais, de certo necessárias a uma vida decente e digna, mas pela ordem natural das coisas condenadas por si sós a alimentar a insatisfação dos espíritos. Parecia-me que devíamos dar-lhe outra profundidade e muito maior alcance, transformando-o de questão que interessa apenas a uma classe no problema da própria organização social. Cada vez terá menos sentido considerar à parte o mundo operário: cada vez está menos de acordo com a realidade considerar os trabalhadores uma classe diferenciada no meio social. Nós tínhamos porém de partir do estado actual das coisas e, se é justo o conceito enunciado acima e devemos agir em obediência a esse conceito, os tópicos fundamentais da transformação a operar seriam os se-

(Continua na 6.ª página)

INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES



Estamos muito gratos aos nossos leitores que já responderam ao inquérito que vimos fazendo sobre o nosso jornal.

Temos em nosso poder umas centenas de respostas com as mais variadas sugestões, muitas das quais aproveitáveis e possíveis de realizar.

Queremos melhorar o nosso jornal e havemos de fazê-lo com o concurso de todos.

Bem sabemos que nos é praticamente impossível atingir desde já o ideal que nos propusemos. Há que ter paciência e persistir.

Como desejamos ter o maior número possível de opiniões, insistimos com os nossos amigos a que nos respondam todos.

É um sacrifício pelo maior bem da Família operária! Quem de vós o recusará?

O futuro dos vossos filhos exige de cada um de vós, para que sejam mais felizes na profissão que aprendem ou hão-de aprender, uma grande colaboração com o vosso jornal.

Não a recuseis!

SEGURO CONTRA O DESEMPREGO NA ÁFRICA DO SUL

Na África do Sul existe o seguro contra o desemprego desde 1937.

As diferentes caixas autónomas que existiam desde essa data, foram integradas num sistema nacional, único, de seguro, por força da lei n.º 53 do ano de 1946.

Esta lei que exclue, infelizmente, alguns trabalhadores indígenas, estende-se de modo geral a todas as indústrias do país.

O financiamento do seguro é realizado por contribuições dos traba-

lhadores e das empresas e por uma participação do Estado. As quotizações são pagas semanalmente e devidas por toda a semana, sempre que o trabalhador compareça ao serviço alguns dias, ainda que deixe de trabalhar alguns outros.

Por virtude da lei citada, criou-se um conselho de seguro contra o desemprego composto por um presidente e oito membros nomeados pelo ministro do Trabalho. Metade destes membros representa os interesses dos

patrões e é escolhida sobre uma lista apresentada pelas organizações patronais, e a outra metade representa os interesses dos operários e é do mesmo modo, escolhida sobre lista apresentada pelas organizações operárias. Há ainda comissões locais de constituição semelhante mas contando apenas um presidente e mais quatro membros.

Estas comissões examinam os pedidos de pensão, julgam as reclamações apresentadas contra decisões dos funcionários da instituição, examinam a administração da caixa sob todos os aspectos, procuram descobrir as causas do desemprego e submetem ao conselho propostas para prevenção e redução do desemprego.

As contribuições são em média correspondentes a pouco mais de um e meio por cento dos salários para os patrões e igual quantia para os operários, sendo levemente inferior a contribuição do Estado.

As pensões semanais, em caso de desemprego, são as seguintes:

Orden. anuais de:	Pens. sem.
Menos de 78 libras.....	22 xelins 6d
78 a 130 libras	25 »
130 a 182 libras	30 »
182 a 234 »	35 »
234 a 286 »	40 »
286 a 338 »	45 »
338 a 750 »	50 »

Para receber estas pensões basta ter contribuído durante 13 semanas e pedir ou estar disposto a aceitar trabalho apropriado.

Américo Ferreira

EGOISMO

O egoísta é a personificação do mal. É incapaz de uma acção meritória, de um gesto altruista. Vive só para ele, agulhoado pela ambição, sombrio, febril. Desconfia de tudo e de todos. Para ele o próximo é um inimigo. Todos atentam contra a sua tranquilidade. Não tem sossego, não tem descanso. Só tem uma visão — o ouro. O ouro deslumbra-o pelo som, pela cor, pela posse.

Para o egoísta, a Caridade, a Virtude por excelência, a filha dileta de Jesus, é uma ironia. Os pobres não têm direito à vida. Quem não tem pão não vive. O egoísta é de tal ordem, que não procura conhecer o pobre, aquele, enfim, que ganha tão pouco que mal chega para se sustentar e aos seus. Ignorando o que sejam necessidades, não consegue sensibilizar-se com as misérias dos ou-

tros, antes, pensando só em si, porque só para si é que tudo acha pouco. O egoísta passa a vida sem coração, feroz, sombrio. Ele que julgara encontrar no ouro a felicidade, ele que levou uma vida inteira a acumulá-lo, ao ouvir os primeiros passos da Morte, procura essa almejada felicidade e não a encontra — não a encontra no presente, não a encontra no passado, não a vislumbra no futuro.

O egoísmo deve ser combatido porque tem sido desde sempre a chaga social, esse cancro terrível, que prejudica a família, a sociedade, o Estado, a Pátria. E enquanto ele dominar, será impossível a verdadeira fraternidade e o verdadeiro amor pelo próximo.

DO PAÍS

Encerrou-se em Estremoz o segundo concurso de adiantamento de managers da tosquia, que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários organizou.

O «Dia da Marinha», que se comemora em 3 de Maio, compreende este ano uma formatura geral e juramento de bandeira dos novos cadetes. Todos os navios de guerra surtos no Tejo embandeiraram em arco.

Além de muitos melhoramentos noutros pontos do País, inaugurou-se em Faro, no dia 28, o novo edifício do Liceu. Também neste dia foram entregues pelo Ministério das Obras Públicas ao da Educação Nacional 243 escolas com 596 salas de aula espalhadas por todo o país.

Reuniram-se na Casa da Comarca de Arganil, sob a presidência do sr. dr. Paulo Mesquita, algumas entidades interessadas na conclusão do caminho de ferro de Arganil. Vão ser nomeadas várias comissões.

Os pescadores e caçadores do sul do País tiveram uma reunião na Casa das Beiras a fim de estudarem o problema da caça e da pesca desportiva.

A peste aviária que especialmente tem atacado os galináceos parece também estar a produzir os seus efeitos mortíferos nas cegonhas, segundo dizem de Vilar Formoso.

A ponte sobre o Tejo em Vila Franca de Xira vai ser um facto em breve, segundo declarou naquela localidade o sr. Ministro do Interior, no decorrer do almoço regional em que tinaram parte 200 pessoas, quando da inauguração da feira.

Têm seguido para Angola e Moçambique elevado número de colonos, por iniciativa do Ministério das Colónias, para ali exercerem a sua actividade sob a protecção do Governo que lhes dá todas as facilidades de instalação e viagens pagas extensivas às famílias.

Há dias seguraram no «Mousinho» 200 mulheres com seus filhos, que se vão juntar aos respectivos maridos.

O embaixador de Portugal na América, sr. Teotónio Pereira, iniciou no dia 21 de Abril uma visita aos portugueses da Califórnia, que tem decorrido no meio do maior entusiasmo e vibração patriótica.

Uma comissão composta de elementos de preponderância do conselho de Rio Maior tratou com o sr. Ministro das Obras Públicas de assuntos ligados ao plano de urbanização daquela vila, relacionado com a passagem da estrada nacional que ali passa.

O Município de Santarém foi autorizado a fazer um empréstimo de 600 contos na Caixa Geral de Depósitos para a captação de águas, para abastecimento da cidade na margem direita do Tejo.

Por o permitirem as nossas disponibilidades vão ser exportados para o Brasil dois milhões de litros de azeite.

O ministro do Interior publicou uma nota oficiosa na imprensa sobre as actividades comunistas de vários indivíduos, alguns deles recentemente afastados dos seus cargos no professorado.

O almirante Gago Coutinho foi atropelado no Rio de Janeiro. Felizmente não sofreu ferimentos de gravidade.

Em Sá da Bandeira foi inaugurada a «Escola Agro-Pecuária de Vieira Machado», importante empreendimento da ensino técnico.

Segundo afirmou numa conferência o sr. dr. Madeira Pinto, há 12 mil cegos em Portugal, e pensa que 8 mil podiam ser adaptados ao trabalho, citando mais de 200 actividades em que podiam empregar-se.

Na Escola de Alunos de Marinheiros, em Vila Franca de Xira, fizeram o seu juramento de bandeira 440 recrutas. Estiveram presentes, além do sr. Ministro da Marinha, outras altas patentes da Armada.

Foram concedidos 500 contos para os trabalhos de defesa da praia da Granja, e 220 contos à Albergaria de Lisboa para a construção do edifício oficina-escola.

Portugal toma parte na reunião sobre o comércio interno, que se realiza em Genebra, com a representação de 27 países.

DO ESTRANGEIRO

Os Estados Unidos apresentaram nova proposta na Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o futuro mandato na Palestina.

A Conferência Pan-Americana aprovou a criação de uma Junta Consultiva de Defesa das Nações Americanas, e condenou o comunismo, tornando o compromisso de combater.

Churchill afirmou: «Não haverá paz doradoura na Europa quando a dominação asiática, imperialista e comunista existir na Europa Central e Oriental.

Referindo-se à vitória dos Democratas-Cristãos italianos disse: «Podemos todos — salvo os comunistas, os «cripto-comunistas» e aqueles que lhes fazem companhia — estar agradecidos ao povo italiano por ter feito com que a Itália volte a ocupar o seu lugar entre as principais nações europeias.»

Descobriu-se uma conjura comunista no Paraguai. A polícia averiguou que os comunistas tinham entrado nas fileiras do partido governamental, na polícia, nos hospitais e nas escolas normais.

O juiz do Tribunal Federal, Goldsborough, da América do Norte, assinou um acordo que proíbe aos mineiros o abandono do trabalho devido a pôr em risco o bem-estar e a segurança do país.»

O Conselho Municipal de Berlim aprovou a sua nova Constituição apesar da oposição da Unidade Socialista dominada pelos comunistas.

Os judeus lançaram nova ofensiva contra a Caixa, tendo causado grandes baixas aos árabes. Conseguiram apoderar-se da cidade e prepararam-se para atacar Jerusalém.

O general Koenig, comandante militar da zona de ocupação francesa, declarou que a Alemanha deve ser incluída numa federação europeia.

O general Koenig, comandante militar da zona de ocupação francesa, declarou que a Alemanha deve ser incluída numa federação europeia.

A Bulgária e a Checoslováquia assinaram um tratado de amizade e auxílio mútuo.

Os russos impuseram a suspensão do comboio de passageiros Berlim-Paris. Prevê-se uma tentativa russa para restringir o tráfego aéreo.

O ministro do Interior italiano disse que não admite a possibilidade de os comunistas tentarem uma insurreição contra o Governo, em consequência da sua derrota nas eleições, mas acrescentou, «nunca se pode estar absolutamente seguro com os comunistas, porque têm a mentalidade totalitária de Hitler e Mussolini.»

O governo francês defronta a possibilidade de uma crise por motivo da lei do serviço militar.

O Partido Republicano Popular quer elevar o serviço militar de 12 para 18 meses, ao que se opõe o Partido Socialista.

O Conselho de Segurança da ONU nomeou uma comissão de três potências a fim de procurar estabelecer as negociações de paz na Palestina. Esta comissão será composta pelos cônsules da França, da Bélgica e da América, em Jerusalém.

As autoridades italianas apreenderam grande quantidade de uniformes da polícia com o emblema da estrela vermelha. Sabe-se que há grupos armados nas regiões montanhosas.

Foram demitidos 120 mil funcionários públicos em França, de acordo com a lei de redução de despesas. Consta que, mais tarde, serão demitidos 30 mil funcionários dos caminhos de ferro nacionalizados, o que completará o número de 150 mil funcionários demitidos.

O Partido Trabalhista inglês vai tomar uma atitude contra 30 deputados do seu grupo que enviaram um telegrama a Nenni, a desear-lhe êxito nas eleições. Vai também discutir a decisão de 40 deputados que resolveram assistir à conferência de Haia apesar do partido ter decidido não tomar parte naquela reunião.

O Brasil vai promulgar leis para «preservar a segurança nacional». Isto e outros poderes mais amplos que o Governo brasileiro vai tomar, visa a pôr termo à actividade dos elementos subversivos.

Foi presa a irmã do chefe comunista Júlio Prestes, a qual chegou há pouco de Moscovo.

Os Estados Unidos têm armas mais poderosas do que a bomba atómica — afirmou o contra-almirante Ellis Zacharias, antigo chefe dos Serviços Secretos da Marinha, numa entrevista concedida em Miami (Flórida). Explicou que aquelas armas podiam ser a bacteriologia, biológica e climatológica, que a Rússia sabe que os norte-americanos desenvolveram durante a guerra e podem ser empregadas imediatamente de forma eficaz.

Pietro Nenni, chefe de um grupo socialista, opõe-se à fusão desse grupo com os comunistas.

Segundo o «The Observer» deve constituir-se rapidamente a defesa da Europa Ocidental pois todos sabem que vivemos em perigo de guerra com a Rússia.

A cidade árabe de Jafa foi atacada por forças da organização «Irgun» e elementos do grupo «Stern».

Os países signatários do pacto de Bruxelas (a Inglaterra, a França e a «Benelux») vão estudar os planos de defesa militar da Europa Ocidental.

O general Omar Bradley, chefe do Estado Maior Norte-Americano, declarou perante a Comissão Militar do Senado que as perspectivas da guerra são agora mais fortes do que há três meses.

A cisão do partido socialista de Nenni (na Itália) é cada vez mais profunda.

CONSULTAS

P.: Trabalho em Estremoz, como serralheiro mecânico. Descontava para a Caixa Regional do Abono de Família de Évora. Em Junho de 1947 passou a descontar para a Caixa Sindical de Previdência dos Metalúrgicos de Lisboa. Os meus camaradas receberam desta Caixa os meses de Setembro em diante. Eu, até à data, nada recebi ainda, e tenho uma filha de onze meses de que entrequei a devida documentação. A quem me devo dirigir para receber os meses em atraso, uma vez que não obtive resposta (eu e a casa onde trabalho) a duas cartas que escrevi para a Caixa de Previdência?

R.: Deve dirigir-se ao Instituto Nacional do Trabalho (3.ª Repartição, Junqueira, Lisboa), que é a entidade competente para tratar do assunto.

P.: Sou operário da construção civil e trabalho por conta da Câmara de Fafe. Como não recebo abono de família, tem minha mulher, que trabalha na indústria têxtil, direito a recebê-lo? Em caso afirmativo, que devo fazer?

R.: Não diz o consultante há que tempo trabalha por conta da Câmara e se o seu trabalho é prestado por forma permanente.

Se o seu serviço à Câmara não tem carácter de permanente, mas eventual, ou não exerce as funções há mais de um ano, não tem direito a abono de família. Tem-no, portanto, sua mulher, a qual deve requerê-lo.

P.: Tenho um pequeno estabelecimento, no qual sou sócio a trabalhar. Por força do decreto-lei 32.674, comecei a partir deste mês a descontar para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio. Terei direito a abono de família e a assistência clínica e farmacêutica que a Caixa concede?

R.: Não sei se o seu desconto é apenas para a previdência ou também para o abono de família. As regras da Previdência tem direito, sem dúvida, Quanto ao abono de família, depende de fazer ou não o desconto para ele.

P.: Peço-me informe até que idade se pode ser admitida como empregada das escolas oficiais e quais as «voluntades» necessárias para tal?

R.: Até à idade de 35 anos, a não ser que já tenha exercido algum cargo público.

EM ITÁLIA O «PRÉMIO DA NOITE DE NATAL» RECOMPENSA VIDAS DEDICADAS À PRÁTICA DO BEM

Em Itália, criou-se em 1934 um prémio, «o Prémio da Noite de Natal» para actos humanos realizados por cidadãos italianos, os quais superem com eles a banalidade, o «deixar-correr», o mediocre. Instituiu-se nesse ano, Angelo Motta com a importância de 300.000 liras, a que em 1947 foram juntadas por generosos doadores mais 60.000, e uma Comissão especial examina os vários casos que podem ser recompensados com o prémio.

Em 1947, distribuiu-o em doze partes iguais pelas seguintes pessoas: Piero Graziani — jovem operário, modesto trabalhador em Livorno. Encontra-se em 1944 no hospital de Pesca, conheceu lá 4 orfãos, sobreviventes de uma família destruída pelos bombardeamentos. Recolheu-os em sua casa. Ao mais pequeno tiveram de lhe amputar as pernas, e Graziani comprometeu-se a sua custa os aparelhos ortopédicos. A este pequeno mutilado é paga todos os meses uma pensão de 5.000 liras. O operário deposita-lha regularmente num Banco para que quando for crescido possa abrir uma loja. Além dos quatro orfãos, Graziani recolheu também e socorreu-a, uma velha paralítica de 60 anos.

Antonieta Sartoris — com 81 anos. Passou 72 ao serviço da mesma família. A família caiu na miséria, quase todos morreram. Só resta o velho patrão, inválido para o trabalho e pobre. Antonietta Sartoris trabalha para ele até fora de casa e com ele gastou todas as suas economias.

Giovanni Galasso — dedicou a sua vida a ajudar o irmão, cego, e gastou todas as suas economias com ele. Tem 72 anos, está, ele próprio, cego, há 2 anos e, esgotado de forças, continua a trabalhar para ajudar o irmão.

Eurico Gittoli — estudante do Liceu em Milão. Acompanha o seu camponheiro de carteira, que ficou cego, ajudando-o a estudar, copia-lhe as lições, lê-lhas. No verão passado, obteve do pai licença para o levar para a montanha e dividiu com ele o seu prémio de férias.

Francesca Colletti — tem só 9 anos. Numa festa de beneficência, saiu-lhe, por sorte, um belo vestido. Como uma companheira a quem nada saíra, voltasse para casa com lágrimas, ofereceu-lho, dizendo: «Não chores, o Senhor olhará também por mim».

Giuseppa Farinelli — Para socorrer as crianças pobres da sua região, ao aproximar-se o inverno, dedica as horas de repouso e as noites e as suas modestas economias a confeccionar vestuário para quarenta crianças.

Petrucucci Enzo — é um rapazito de dez anos, que ficou sózinho com a mãe doente, sem esperança de cura. Assistiu-lhe noite e dia, renunciando a qualquer distração, dá todas as voltas de casa e procura prover ao necessário.

Don Guido Vesentini — antigo capelão militar, fugido dramaticamente aos alemães, arranca aos perigos da rua e da miséria bandos de rapazes vítimas da guerra, muitos dos quais se entregam a delitos, e reeducou-os para o trabalho, fundou para eles uma «aldeia da criança» (hoje com 120 rapazes), com escola, oficina, hortas, e organização autónoma.

Borlandelli Rossina — professora. Sacrificou-se pelo ensino às crianças de uma pobre região de montanha, adaptando-se a solfeiros e privações de toda a espécie, e para não abandonar os alunos, adota-se em outros trabalhos para poder viver.

Bonazzi Ida. — É pobre, mas há 8 anos que mantém com precisos auxílios uma criança nascida disforme, que lhe foi confiada pelos pais, mais pobres do que ela.

Don Salvatore Monaco. — Para impedir que passasse para outros, comprou, há anos, com sacrifício próprio, uma pequena terra de camponeses obrigados pela necessidade a vendê-la; deixou-lhes sempre as colheitas e além disso tornou a vendê-lhes pelo preço de então, que é hoje irrisório, o mesmo terreno, para que tenham a impressão de nunca o ter perdido.

Scalli Eralina. — Viúva, vive do seu trabalho, mas tomou conta dos 4 filhos de uma amiga, que lhe recomendou à hora da morte, recolhendo-os na sua casa; sustenta-os e educa-os. Além disso, ainda tomou conta de duas crianças a quem a morte de outra mulher da região deixou ao abandono.

Que estes encantadores actos de caridade, no meio dos horrores de um mundo marcado por tantas misérias, nos levantem o ânimo, recordando-nos de quanto beleza é capaz o coração humano. E assim como estes actos de heroica caridade eram até há pouco desconhecidos, muitos outros existem por aí fora, tão belos como estes, que continuam desconhecidos. Mas é bom que alguns sejam revelados à luz do dia, pois constituem um precioso testemunho do que há de melhor na humanidade.

P.: Sou empregado de um Gémeo, e por ocasião da Assembleia Geral, fomos dispensados do trabalho da parte da tarde. Nos dias seguintes, obrigaram-nos, porém, a prestar uma hora de serviço suplementar para compensar — diz a Direcção — a tolerância de ponto. Somos obrigados a prestar este serviço gratuitamente?

R.: Não são. Em resposta a uma consulta idêntica, dissemos, por lapso, no n.º 7 deste jornal, que tudo dependia do arbitrio da Direcção por o pessoal dos organismos comparativos e das corporações económicas não estarem sujeitos ao regime dos decretos 24.402 e 26.917. Mas não é assim. Por despacho do Subsecretário das Corporações, de 21-7-938, manda-se aplicar, por analogia, a estes organismos aqueles diplomas.



COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

Antes tarde do que nunca!!!...

Eis a ideia que nos ficou da apresentação oficial de oito equipas infantis

O domingo passado foi, sem dúvida alguma, um dos dias mais animados da temporada corrente de futebol.

Joões decisivos na divisão principal, segunda ronda do II Divisão final do Campeonato da III, apuramento dum finalista de Júpiter; nova etapa na Competição Preliminar da Taça; e a corar tão longo «sorriso» — a apresentação de oito «escolas» de infantis na relva das Salésias, perante as mais altas patentes do Desporto Nacional e dum público numeroso, que ocorreu para demonstrar o interesse indiscutível que o «jogo da bola» desperta nas multidões.

Segundo o trilho que temos pisado nestas derradeiras semanas, cá estamos a fornecer aos nossos leitores a súpula dos acontecimentos, através da qual — de facto — se poderá avaliar da importância que teve a tarde futebolística de 25 de Abril.

Entre os «maiores», o desafio principal realizou-se no acanhado Campo Grande que não pôde albergar nem a metade sequer dos entusiastas que tinham vontade de assistir a mais uma luta entre benfiquistas e «leões».

O Sporting venceu — e convenceu — por 4-1, isto é, por uma margem que anulou a vantagem que o Benfica conquistara na primeira «volta».

Por isso, os eternos rivais ficaram igualados em pontos (35), mas com primazia para os sportingistas no «duplo» directo entre os dois (1-3 e 4-1).

O outro encontro disputado em Lisboa pôs frente a frente a turma «azul» de Belém e a equipa «amarela» da Costa do Sol. Os estorilistas confirmaram o triunfo obtido no dia 11 de Janeiro — embora por scores menos expressivos, como é natural. O concludente 5-2 conseguido no Campo da Amoreira resumiu-se agora, nas Salésias, a uma vitória pela tangente de 3-2, bastante contido, para arredar os adversários — prática definitivamente — do caminho para o Título Máximo. Os «saxus» encontraram-se a três pontos de distância dos «leões» da Prova, na companhia dos nortenhos do F. C. do Porto que, por sua vez, derrotaram os minhotos da Vitória de Guimarães por 3-1, resultado que, nada traduzindo, deixou perceber minguado entusiasmo na luta.

A nota, apenas, que desta forma os portunenses fizeram no seu Campo da Constituição pior resultado numérico do que no terreno dos contrários (3-0).

A Académica de Coimbra não pôde vencer os alcantareiros do Atlético, apesar de toda a sua boa-vontade. Os estudantes estão agora nitidamente «descolados» — a cinco pontos dos bracarenenses (actuais penúltimos da classificação geral). Estes, e mais os de Setúbal e de Olhão que formam o terço da zona perigosa do «jogo-de-passage» regulamentar, desembarracaram-se bem dos competidores que os visitaram em suas «casas». Assim tivemos que:

Em Setúbal, os «evitorianos» ganharam ao Lusitano de Vila Real de Santo António por 2-0 — não obstante Isaurindo, nas redes algarvias, se ter cotado de excelente exibição.

Em Braga, os pupilos de Alberto Augusto derrotaram por 4-1 os discípulos de Severiano da Carreira com inteiro merecimento — não deslustrado sequer pela circunstância de dois jogadores terem resultado de «grandes penalidades» e em Olhão, os locais, forçando o andamento durante uma primeira parte admirável, destroçaram

por 5-0 os axadrezados do Boavista — que nem o «ponto de honra» conseguiram... mas pelo qual se empenharam valerosamente no período final do encontro.

Para o primeiro lugar nesta I Divisão, a batalha continua... entre o Sporting e o Benfica, cada qual esperando numa «escorregadelas» do rival — contra terceiros!...

Descansados no meio da tabela, ou em postos de relevo... sem grandes tensões, temos o Belenense, o F. C. do Porto, o Estoril, o Atlético, o Boavista, o Elvas, o Vitória de Guimarães e o Lusitano.

Entretida com a «lanterna-vermelha» está a histórica Académica, enquanto o Olhanense, o Braga e o Vitória de Setúbal se esforçam para «escaparem» entre si. Lástima, porém, é que rumores de alargamento da Divisão Principal estejam desde já a sacar muito brilho a esta competência equilibradíssima entre os menos classificados!!!...

Os «leões da Serra» em evidência

«Não poupe final» da II Divisão disputou-se a segunda jornada da primeira «volta», aparecendo o Sporting da Covilhã a marcar presença notável. Na verdade, os «leões da Serra» foram os únicos a conquistar um ponto «fora de casa» — impondo ao Famalicão uma igualdade a duas bolas... em Famalicão!

Os Cufistas do Barreiro, no seu campo, derrotaram os contreráneos do Barreirense por 2-1 num jogo em que levou a melhor... o melhor ataque sobre o terreno.

A classificação actual é, pois, a seguinte:

Table with 5 columns: Team, J, V, E, D, P. Rows include Sporting da Covilhã, Cuf do Barreiro, Barreirense, Famalicão.

Amanhã realizam-se os desafios Famalicão-Cuf, e Barreirense-Covilhã, nos campos pertencentes aos clubes mencionados em primeiro lugar — terminando a primeira «volta».

O Cova da Piedade é Campeão

No Entroncamento efectuou-se a partida final da III Divisão entre o Académico de Viseu e o Desportivo da Cova da Piedade. Em combates especiais, em automóveis e em camionetas acorreram ao Campo do Bairro Camões milísimos adeptos das duas equipas em luta, que não devem ter dado o tempo por mal empregado.

É certo que os representantes da Associação de Futebol de Setúbal acabaram por vencer por 5-2 — mas os vislenses bateram-se com galhardia, impondo um empate a duas bolas ao fim dos 90 minutos, e só vindo a ceder na segunda parte do prolongamento.

Sporting-Académica em duplicado

No Campo dos Arcos, em Setúbal, teve lugar a meia-final do Nacional de Júniores, que estava em atraso devido aos sucessivos empates verificados entre o Elvas e o S. L. e Évora a quando dos oitavos de final. Os lábeos do Sporting derrotaram por 2-0 os encarnados de Évora, conquistando assim o direito de enfrentarem amanhã, em jogo decisivo os conimbricenses da Associação Académica... na mira de reaverem o Título Máximo da categoria que já foi perença sua há duas épocas atrás, mas que na temporada

PÁGINA DESPORTIVA

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana Por JOSÉ ILHARCO

O 3.º Portugal-Espanha de Basquetebol efectua-se na próxima segunda-feira

É já na segunda-feira que se realiza no Pavilhão dos Desportos o 3.º Portugal-Espanha em basquetebol — encontro aguardado com extraordinário interesse pelos desportistas dos dois países.

Nos desafios anteriores, disputados em Madrid, os portugueses foram derrotados em ambos, mas no último, efectuado no frontão de Recoletos, a dúvida sobre a superioridade de qualquer das equipas ficou no espírito dos técnicos e dos assistentes. Pois é essa dúvida que agora se vai desfazer — e bem esperadamente — e bem esperadamente — estamos que isso aconteça a favor das cores nacionais.

A equipa portuguesa — formada por Moraes, Costa Ramos, Valentim, Ernesto, Pina, Homero, César Cardoso, Luis Neves, Belo Oliveira, Alvaro Pereira e Manuel Campos — tem activado a sua preparação, esperando-se que segunda-feira esteja absolutamente à altura da tarefa que se lhe exige.

Por sua vez, os espanhóis rodearam também dos maiores cuidados a preparação da sua equipa, escolhendo os jogadores respectivos, depois de intenso trabalho de selecção.

Não será de admirar que o Pavilhão dos Desportos registre grande afluência de público desejoso de presenciar um belo espectáculo, e — por que não? — a vitória da equipa portuguesa — pela qual fazemos ardentes votos.

O Racing de Paris em Lisboa para jogar ténis de mesa

Entrou-se decididamente no caminho que mais convém à valorização do desporto — o contacto internacional.

Sem falar já nas anunciadas visitas do Arsenal, do Itale Francais, da equipa nacional da Irlanda, das

Contando por vitórias os jogos disputados, o Grupo Desportivo de Paço de Arcos conquistou mais um belo triunfo no qual em patins — modalidade em que, de há anos a esta parte, tem revelado manifesta superioridade sobre os restantes clubes.

A «Taça de Honra do Sul», interrompida por via da disputa, em Montreux, dos Campeonatos da Europa e do Mundo, reatou-se com a «poule» final em que intervieram Sintra, Futebol Benfica, Académica da Amadora e Paço de Arcos.

As jornadas respectivas chamaram ao Pavilhão dos Desportos assistência enorme — como nunca se haviam verificado até agora em torneios internos da modalidade.

Ao fim e ao cabo, os campeões de Lisboa e de Portugal ganharam a competição pela 5.ª vez, escalonando-se os clubes pela seguinte ordem:

Table with 3 columns: Team, J, V, E, D, P. Rows include Paço de Arcos, Sintra, Fut. Benfica, Amadora.

Acaba de ser lançado à venda um livro interessantíssimo sobre desporto com o sugestivo título desta notícia. Trata-se de um estudo suíço, traduzido para português, que aborda todos os problemas que o desporto moderno veio suscitar.

Estudo profundo do desporto desde os tempos antigos, análise clara da infância do desporto moderno, e do seu desenvolvimento, o autor esclarece o que falta hoje ao desporto materialista e pagão, esquecido daquela equilíbrio humano sem o qual tudo na vida é estéril.

Este livro é necessário a todos os apaixonados do desporto, sobretudo a quantos se preocupam com os problemas candentes da educação dos rapazes.

Para Além da Bola, com uma linda capa, vende-se ao preço de 1\$500, e pode ser pedido à nossa Administração que se encarregará de o fazer expedir para qualquer localidade. Porte de correio mais 1\$00.

Post-Scriptum

Seria falta imperdoável não aludir à feliz iniciativa do bi-semanário «A Bola», referente ao Grande Torneio Popular de Futebol a que concorrerá nada menos de quarenta e quatro clubes modestos — ultimamente legalizados perante a Direcção Geral dos Desportos.

Amanhã, no campo de treinos do Estádio Nacional haverá a concentração de todas as equipas inscritas, com um total de cerca de oitocentos jogadores (efectivos e suplentes) que, pelos vistos, estavam ansiosos por dar largas às suas habilidades...

quais o nosso bom camarada e «viziños» dará conta aos leitores de «O Trabalhador», as relações externas do desporto português são cada vez maiores — e ainda bem!

Em voleibol, espera-se a visita do Marphilier, em basquetebol, temos já segunda-feira os espanhóis entre nós, em andebol, depois da deslocação a Barcelona — prepara-se a viagem a Paris, onde se disputa o Campeonato do Mundo. Surge agora a notícia da visita do Racing, de Paris, que vem a Lisboa defrontar a equipa do Benfica em ténis de mesa, em meados deste mês.

Ainda bem!

No Campeonato de Lisboa de «pares-ímpares» o Benfica conquistou o título respectivo, com grande brilho.

No final da prova, a classificação ficou assim ordenada:

Table with 3 columns: Team, J, V, E, D, P. Rows include Benfica, Sporting, Inter Nacional, Combatentes, Matadouro.

Isto — na primeira divisão. Nas divisões secundárias, Liberdade e Mirantense foram os vencedores.

O Paço de Arcos colecionou mais um triunfo

Contando por vitórias os jogos disputados, o Grupo Desportivo de Paço de Arcos conquistou mais um belo triunfo no qual em patins — modalidade em que, de há anos a esta parte, tem revelado manifesta superioridade sobre os restantes clubes.

A «Taça de Honra do Sul», interrompida por via da disputa, em Montreux, dos Campeonatos da Europa e do Mundo, reatou-se com a «poule» final em que intervieram Sintra, Futebol Benfica, Académica da Amadora e Paço de Arcos.

As jornadas respectivas chamaram ao Pavilhão dos Desportos assistência enorme — como nunca se haviam verificado até agora em torneios internos da modalidade.

Ao fim e ao cabo, os campeões de Lisboa e de Portugal ganharam a competição pela 5.ª vez, escalonando-se os clubes pela seguinte ordem:

Table with 3 columns: Team, J, V, E, D, P. Rows include Paço de Arcos, Sintra, Fut. Benfica, Amadora.

Acaba de ser lançado à venda um livro interessantíssimo sobre desporto com o sugestivo título desta notícia. Trata-se de um estudo suíço, traduzido para português, que aborda todos os problemas que o desporto moderno veio suscitar.

Estudo profundo do desporto desde os tempos antigos, análise clara da infância do desporto moderno, e do seu desenvolvimento, o autor esclarece o que falta hoje ao desporto materialista e pagão, esquecido daquela equilíbrio humano sem o qual tudo na vida é estéril.

Este livro é necessário a todos os apaixonados do desporto, sobretudo a quantos se preocupam com os problemas candentes da educação dos rapazes.

Para Além da Bola, com uma linda capa, vende-se ao preço de 1\$500, e pode ser pedido à nossa Administração que se encarregará de o fazer expedir para qualquer localidade. Porte de correio mais 1\$00.

Post-Scriptum

Seria falta imperdoável não aludir à feliz iniciativa do bi-semanário «A Bola», referente ao Grande Torneio Popular de Futebol a que concorrerá nada menos de quarenta e quatro clubes modestos — ultimamente legalizados perante a Direcção Geral dos Desportos.

Amanhã, no campo de treinos do Estádio Nacional haverá a concentração de todas as equipas inscritas, com um total de cerca de oitocentos jogadores (efectivos e suplentes) que, pelos vistos, estavam ansiosos por dar largas às suas habilidades...

De um operário a outro operário

Não nos interessa a política. Aqui o têm afirmado, várias vezes, os dirigentes do nosso jornal, e com eles estamos absolutamente de acordo. Mas há factos que se revestem de um tal significado que não é possível deixá-los passar ao largo, no campo da indiferença. Somos forçados a reparar neles, a olhá-los, a formarmos uma opinião.

Quem houve a que não tivesse o pensamento ligado às eleições italianas, há pouco efectuadas? Todo o mundo esteve voltado para a Itália naqueles dias. E com razão. O acontecimento era grave pelo que decidiu de esperar a Europa!

Todos estivemos suspensos durante aquelas horas de agitação alta dos nervos, com receio de que ali, como em tantos outros lados, a liberdade sofresse as dores do garrote que métodos sem escrúpulo têm provocado, causando a morte total à vontade do povo...

Mas, felizmente, a boa organização das forças representativas dos sentimentos da maioria venceu a escuridão — como a luz venceu a escuridão inundando de claridade até o esconderijo dos morcegos!...

Porém, a luta continua em toda a parte entre duas forças: Cristianismo e comunismo.

O Cristianismo salvou o homem, elevando-o à dignidade de criatura livre, responsável dos seus actos, conhecedor da sua grandeza espiritual, do comunismo, caracão da alma, pretende lançar a desolação no mundo em batalhas de irmãos contra irmãos, conduzindo-os aos feitos bárbaros de uma raça sem civilização, inferior, cega de ódio e de sede de vingança.

Qual é a sua primeira vítima? O operário. É claro que muitos depressa se apercebem da traição!... e voltam as costas desiludidos!... os ex-comunistas são frequentes. Outros por lá se ficam, arrasam e perdem!

Ninguém que se preocupe com os seus deveres de família pode aceitar aquelas teorias. Se os párias, para quem nada existe na vida, ou os sonhadores, poderão deixar-se prender e entusiasmar com a «novidade»...

O operário consciente da sua personalidade, e de que só no trabalho e pelo trabalho pode conseguir os seus objectivos económicos, sociais e até morais, — esse operário não aceita

princípios de destruição e maldade ocultos sob aparências mentrosas de «defesa dos interesses do proletariado».

A um camarada que interogei, de entre vários que por outras palavras manifestaram o mesmo ponto de vista, acerca do recente caso italiano, ouvi isto: «De verdade aqueles comunistas são uns tralhalhas, de tudo se servem para levar água ao seu molinho. Não, aqueles não servem para nada. E se alguém ainda tiver dúvidas... observe o procedimento deles também na Itália através de uma propaganda feita de calúnias. Perfeitamente certo. A mentira é a arma deles. Servem-se dela traiçoeiramente como quem, criminosamente, cobardemente, apunhala pelas costas».

Como cristãos não temos nem podemos ter ódio a ninguém.

«Combatemos as ideias e não os homens» somos irmãos, por que todos somos filhos do mesmo Pai que está no Céu — quer eles queiram quer não!

Poderão «não entender», «não querer», mas nem por isso a Virtude deixa de existir! Esta doutrina de amor poderá perturbá-los, envalde-cê-los ou levá-los a desdenhar dela como aquele russo que, na última guerra, presenciou um sacerdote católico americano a assistir a um moribundo e depois comentou: «Que lhes pode interessar um morto?». Faz pena tanta ignorância, que é isto que os mantém no erro e na escravidão.

Quem tem a felicidade de ter aliada a alma com os fulgores da Fé, como tu, meu amigo, como nós, deve defender, como a sua maior riqueza, essa felicidade, vivendo dela pela prática da vida cristã e aumentando-a pelo estudo, preparando-se, desse modo, para a batalha cada vez mais acesa entre o Céu e o Inferno.

A vitória dos cristãos italianos tem responsabilidades especiais neste momento. Eles sabem-no. A não realização do seu programa social seria uma traição que lhes custaria muito caro. Tal cometimento deturpador da justiça poderia fazer cair sobre aquela grande nação o castigo de Deus. Não sucederá assim, estamos certos, para nós lhes aconter, depois, desempenharem o papel de «representantes sen rancidos, como certo homem público personificou: os epístolas do seu país agora sob o «peso soviético»: «Não quisemos dar o que era justo quando no-lo pediram, fomos obrigados, por fim, a dar tudo à força».

O pior mal dos homens é não compreenderem ou fecharem os olhos à lição da História tão claramente a ensinar-nos que os castigos da Providência sobre a Humanidade são cruéis.

Paulo da Cruz

NOTA — Na última carta (18.ª linha) saiu: «Os destinos dos homens continuam a desajar a bondade Divina em vez de «Os destinos dos homens, etc». A palavra é conjunção para a composição, mas a interpretação é diferente.

MIRADOURO COLABORAÇÃO

Numa sociedade bem constituída, cada homem ou mulher que nasce, torna-se, em primeiro lugar, membro de uma família formada pelo pai e pela mãe, família que pela sua união indissolúvel, constitui a célula básica e orgânica dessa sociedade.

Assim, todos os esforços devem ser conjugados para que no novo ser sejam proporcionados todos os cuidados, físicos e morais, indispensáveis não só à manutenção íntegra dessa célula primária, mas também e principalmente para que o novo ser possa, mais tarde e por sua vez, dar origem a uma nova célula orgânica, retribuído, para além de si e do tempo, os benefícios recebidos, e preencher as lacunas deixadas pelas células que se extinguem depois de terem realizado o seu fim.

Para que a sociedade se mantenha em justo equilíbrio e em perfeito estado de continuidade e de aperfeiçoamento, é necessário que cada uma das suas partes componentes possa viver e progredir livremente, embora entre elas tenha de haver uma interdependência para melhor obtenção do objectivo em vista. Isto é, não pode haver sociedade perfeita se os componentes dessa sociedade o não forem igualmente. Pretender modificar a sociedade, sem olhar a cada uma das suas partes, é o mesmo que pretender construir um edifício começando pelo telhado.

Neste jornal que vimos nascer e onde vamos reconeçar a nossa fração

e humilde colaboração, interrompida na I série, verificamos com satisfação que os que nele trabalham não pretendem, nem pretenderam nunca demolir qualquer sociedade, mas antes fortalecer a cada uma das células desta em que vivemos, para que ela possa ser mais firme e melhor relacionada a sua função, em benefício de todos e para prestígio de si mesma. Em cada um dos seus colaboradores há o desejo leal de servir a Cristo. Chefe comum que nos guia e nos dá força e coragem para lutar e perdoar as ofensas que injustamente a todos nós são dirigidas, e, postos os olhos Nele e seguidamente na Pátria que muito amamos, entendemos que não devia ser desprezada a nossa colaboração mesmo quando não agradamos e apontamos deficiências relativamente fáceis de corrigir. Quem é melhor amigo, quem colabora melhor, aquele que diz bem a todo o ser, para agradecer, ou aquele que louvando onde está certo, critica onde supõe haver erro?

Se todos nós não somos demais nesta sociedade em que vivemos, porque motivo se admira e se censura que cada um de nós aponte com lealdade o mal que directa ou indirectamente nos atinge, a fim de poder ser corrigido? Não será isto colaborar?

Colectivamente não fazemos política partidária, a única política que nos interessa é a política social como claramente ficou definida nas colunas

do último número deste Jornal, política social bebida nas encíclicas dos SS. Padres.

Diz-se que cada português é um político e até é costume dizer-se que quando duas pessoas amigas estão zangadas, estão «políticas». Individualmente cada um de nós poderá ter as suas preferências, nada obsta a que as tenha, desde que não estejam em contradição com a sua fé cristã e com o respeito e o amor que devem à Pátria em que nascem.

Pessoalmente, admito o homem que proferiu num discurso as seguintes palavras que registamos: «O País tem necessidade de que se agitem um grande número de ideias e de princípios fundamentais de problemas ou dificuldades, não só como esclarecimento da opinião pública para a educação política da nossa gente, mas também pelo que pode contribuir para a solução de problemas que são de todo o Mundo». Ora a política que hoje em dia absorve toda a gente e todo o Mundo, é, além da política económica, a política social. Um outro estadista dum país ao qual nos prendem laços de amizade, pronunciou pouco depois as seguintes palavras: «Para enfrentar qualquer possível crise, nada seria mais eficaz do que espalhar, entre o povo, o autêntico sentido da verdade e da justiça social».

É isto que temos feito no sector onde actuamos. Tem sido esta a nossa colaboração. Será condenável? Julgamos que não.

E para terminar: Se num corpo um grão funciona mal, os restantes órgãos sofrem igualmente um mau funcionamento, ou suportam uma sobrecarga desnecessária.

Estes homens esquecem que a consciência é livre.

GONÇALO

CARTAS DE INGLATERRA

O DIA DE UM OPERÁRIO NA ESCÓCIA

Dizem que as margens do Clyde são o centro mais importante do mundo em construção naval. De facto, os estaleiros sucedem-se pegados uns aos outros numa extensão enorme (mais de 20 milhas), sendo impressionante a actividade fabril à beira rio.

O Clyde é um rio estreito, de águas sujas e margens feias, em cuja dragagem se gastam milhões. Na região onde é maior a densidade dos estaleiros, chega a ser mais estreito do que o comprimento de algumas das «barragens» de que é berço (entre muitas dezenas de «monstros», foram aqui construídos o couraçado «Vanguard», de 45.000 toneladas, e o paquete «Queen Mary», de mais de 70.000), sendo necessário abrir canais e lançar os navios envezados e, mesmo assim, sob a acção de potentes rebecadores!

Nestes estaleiros, os operários são autêntico formigueiro. De manhã é tarde — sobretudo à saída — a multidão é cheia que avança em ondas altas e rugidoras. Depois, como por encanto, tudo desaparece: não se vê nem se ouve ninguém! É que os transportes são de alta eficiência espantosa, sendo considerados (eram-no antes da guerra, não sei se o serão ainda) os mais eficientes do mundo.

Mal se abrem os portões, a onda avança impetuosa, suja como a água do rio (os operários não se lavam nas fábricas, mas em casa) e corre é ela a primeira a defender a necessidade de levar ao fim as condições de vida em que os operários vivem.

Que diferença de linguagem e de estímulo! Contudo ninguém se bate com mais ardor pelos problemas que os interesses do que a Igreja! Não é ela a primeira a defender a necessidade de levar ao fim as condições de vida em que os operários vivem.

As associações de classe ocupam-se pouco. Nas fábricas trocam-se impressões acerca do que há a reuolver, fazem-se mesmo algumas reuniões, se necessárias, e depois limitam-se quase que a ir às Assembleias Gerais, onde elegem os seus dirigentes e manifestam a sua opinião sobre a maneira como a associação deve actuar nos casos mais importantes.

Uma das características deste povo é a sua disciplina, o seu espírito de ordem, a sua organização prática.

Um apontamento que talvez interessasse conhecer e que mostra o seu senso prático: — As fábricas costumam seguir até mesmo os seus trabalhos de reparação, contra o risco de avarias durante as experiências! Apenas mais esta nota final: Neste país não há tabernas nem se passa o dia nessas «câmaras de gás» a que na nossa terra se chama café e, no entanto, pelo menos por aqui, o mundo ainda não parou!...

Desta maneira, o tempo gasto em paragens é insignificante, fazendo os certos percursos enormes em relativamente muito pouco tempo.

Além de muito rápidos, espaçosos e com demoras mínimas nas paragens, os transportes são em número formidável. A saída da «Yarrow», por exemplo, temos transportes contínuos em quatro direcções diferentes, bastando poucos minutos (cerca de um quarto de hora) para fazer desaparecer da rua alguns milhares de operários (pessoal da «Yarrow» e da «Barclay»).

Chegado a casa, o operário lava-se com água quente (que a tem encanada) muda de fato, janta e, ou corre para o cinema ou... vai para a cozinha lavar ou limpar a loiça (ou fazer ambas as coisas se é dia de saída da esposa), ajudar a arrumar a casa e tratar dos filhos pequenos.

Depois, entretem-se no quintal (ali é ajudado pelo mulher) ou no jardimzinho que tem à frente da casa.

Ao serão, lê enquanto nalguns casos a mulher toca piano, ou trata da roupa (bastante mal e a pressa), e depois jogam (jogos diversos mas todos simples) fumam e ouvem televisão.

A ceia (toda a gente ceia aí pelas dez e meia) é muitas vezes preparada pelo marido enquanto a mulher deita os filhos, ou vice-versa. Ela vai para a cozinha e ele deita os pequenos.

Embora diferentíssima da nossa, há aqui, parece-me, muito mais vida familiar do que na nossa terra.

Por informações chegadas até nós, sabemos que em Guimarães, há indícios de que ameaçam de despedimento os operários que assinarem ou lerem «O Trabalhador».

Se isto se passasse em algumas terras, onde o jornal, por ser cristão, é apelidado de «Jornal dos Padres», diríamos que se tratava de jacobinismo. Na cristianíssima Guimarães, a razão não perdiga.

Estes homens esquecem que a consciência é livre.

GONÇALO

BOLETIM MUNDIAL

É BOM REPARAR

Necessariamente, porque o nosso «Boletim» é mundial, não faria sentido não marcar os factos mundiais mais importantes e ninguém pretende roubar tal e tão destacado lugar às eleições na Itália! Parece-nos assim, facto de somenos importância, para o fim em vista, referir-nos a duas coisas que andam ali na exploração em voça: que os «comunistas» tinham marcado o Domingo passado para a grande manifestação da vitória, e faharam, e justamente porque falharam, vai agora desenrolar-se o famoso plano K.

A derrota comunista nas eleições italianas, e derrota porque não ganharam os galões de primeiro partido, tendo ficado, sensivelmente, na mesma situação, como a sua perspectiva reacção sobre os esmagadores resultados de um predomínio daquele único partido a quem os comunistas queriam tirar a palma da vitória, para lhe ofertarem a coroa do martirio, não nos parece a melhor e mais aproveitável lição a colher dos acontecimentos.

Esta parece estar noutro sítio, ou noutros sítios, e dever interpretar-se de outro modo.

Em primeiro lugar pela resultante do apelo à disciplina cristã e à consciência do perigo para a civilização europeia, emanado do Vaticano. Os católicos e os não católicos soberaram ouvir uma voz de autoridade, que está acima das paixões políticas e terrenas, que do alto posto que ocupa e da excelente recolha de conhecimentos e experiência que tem, não falando já naquela assistência espiritual inerente à sua missão, está numa situação excepcional para apreciar, em conjunto, o caminho das coisas do mundo.

Essa voz, óbvio será apontá-lo, é a do Papa. O fenómeno de uma disciplina, que não é de ferro, nem de chicote, mas de pura e livre consciência, de pura e livre aceitação ou desinteresse, por no campo político, tudo o que brota da Cátedra de S. Pedro, não pode ter senão o carácter de

conselho, de advertência, o fenómeno dessa «disciplina», que é admirável. É tão admirável, pode-se crer, com prova à vista, que por muito espírito de partido e de crítica que haja nos italianos, ou não fossem eles latinos, e quem tem esse espírito, tem, necessariamente, a tendência para se dividir, para se pulverizar, a verdade é que foram votar massivamente na Democracia Cristã do Sr. De Gasperi.

Porque dentro deste agrupamento político estão todos de acordo com os seus princípios, ou porque amam a ideia da sua estrutura política e que há sete de base: a democracia? Não há tolo que o acredite, com evidência! Todavia, com maior ou menor aceitação e simpatia, com maior ou menor repulsa, se quisermos até chegar a esse extremo de sacrificada adesão, a verdade é que uma compacta maioria correu para o aprisco indicado, solicita e prontamente, sem ter abdicado nem de si, nem da sua liberdade, nem dos seus direitos políticos.

A hora era grave e ao compacto de uma fórmula era preciso corresponder com o compacto de outra fórmula e de outra massa. Isto se compreendeu e isto se fez!

Se nos disserem que já a esta hora estão talhadas três correntes dentro da Democracia Cristã da Itália, uma centro, uma direita e uma esquerda, isso não nos admira. É a consequência lógica de todo o ajuntamento de espíritos que pode aceitar o conjunto das ideias mestras, mas pode divergir na maneira de as aplicar.

Em todo o caso ficam de pé duas verdades: primeira: «homogeneidade» diante do perigo; segunda: a ideia de Democracia já não mete nem susto, nem repulsa!

A segunda lição que, nestas breves notas, não parece digna de registo, é a característica profundamente «social» que se futura para a Itália, quer dando ouvido às primeiras declarações oficiais de De Gasperi, quer atendendo ao repto lançado pelos socialistas moderados de Saragat, que

disseram irem, agora, ficar à prova as medidas e a sinceridade dos demócratas-cristãos neste particular.

De Gasperi falou já na Reforma Agrária!

Na Itália viveram-se grandes reformas sociais com o fascismo, ninguém hoje o dúvida, nem ninguém, pelo facto de reconhecer essa verdade histórica, pode ou deve ser apodado de fascista. Pode-se discutir se o facto era satisfatório ou sustentável, mas não se pode negar que ele foi real.

Está provado, porém, que entre o que foi feito e aquilo que os povos esperavam, acicatados, possivelmente, por aquela aliciente propaganda comunista, havia uma grande lacuna: como está provado que, embora mais pequena, a lacuna subsiste entre o que se fez e o que, à sombra de uma equitabilidade e gradual orientação e ideia cristã, é possível fazer, embora em detrimento das prerrogativas das classes mais abastadas.

A doutrina social da Democracia Cristã, — e idisso temos lido alguma coisa, — é modelar na satisfação das maiores necessidades e das aspirações mais justas, alcançada através de medidas graduais, que estão longe, como o risco ou a vontade comunista, de provocar o caos!

Mas são medidas sociais, que é como quem diz, são medidas de justiça, e quem diz justiça diz equilíbrio, planificação!

A Itália cristã que agora venceu é a Itália real, mas tem que dar provas reais, no plano social, da sua interpretação de vida, se politicamente quiser vencer essa ficção que lhe ronda a porta, fazendo com a verdade das suas satisfatórias realizações esquecer a promessa aliciente dos seus adversários.

E cremos que assim será, porque a beira do abismo faz despertar, como se provou, consciências, mas também as faz apunhar, afinal, como medida de prudência e amor!

LUSITANUS

A VOZ DOS NOSSOS CAMARADAS

De Lisboa, escreve-nos um empregado de mercearia:

«Como leitor assíduo de «O Trabalhador», vi com satisfação, no seu número de 17 de Abril, aquelas referências à situação dos caixeiros de mercearia. Tudo o que lá vinha era uma grande verdade, sobretudo impressionante no que respeita à maneira como vivem, como actuam, como ganham, etc.

Eu, como muitos outros, gostamos de ver debatido com verdade o que se passa com a nossa classe. Falou no caso das Férias, que é um assunto bastante justo porque nós não somos menos que os empregados de qualquer outro ramo. Se alguma vez mais lhe for possível, Sr. Director, agradeceremos que falasse sobretudo no encerramento das mercearias aos sábados, às 21 horas, pois não há verdadeiros motivos que impeçam o encerramento às horas do costume. É só uma questão de hábito. Se se fixasse o horário normal de todos os outros estabelecimentos, usávamos de resistência a trabalhar aos sábados até às 22 e 23 horas sem nenhuma espécie de compensação.

O problema posto por este nosso irmão de trabalho parece realmente digno de atenção. Porque motivo se não há de criar realmente uma nova modalidade no que respeita às mercearias?

As donas de casa, sabendo que o merceeiro fecha aos sábados à mesma hora que os outros dias, apressar-se-ão em fazer os seus abastecimentos a tempo.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Acabaria assim uma excepção ao horário de trabalho com a qual pouco beneficia o público.

De um camarada de Braga, vêm-nos os seguintes adviços:

«Para acabar com este maligno cancro das tabernas, era preciso começar por impedir a entrada nelas aos menores. Sobre isto a juventude precisa de ser arrancada destes maus caminhos. Mas não adiantamos nada com palavras. As obras é que interessam.

Aqui em Braga, tem-se tentado organizar, com bons resultados, centros de distração para rapazes operários, como, por exemplo, na freguesia da Sé, com buléte, café e outras distrações. Porque se não limita este exemplo?»

Realmente o caminho não é o das palavras, mas das obras. Em Braga, contra as tabernas de noite, vale a pena não falar e agir. Se os resultados não forem satisfatórios de princípio, é persistir.

Do Porto, vem-nos mais esta entre tantas outras que são o nosso conforto:

«Sou colaborador de uma Empresa de Camionagem e, quando há dias passava por uma das ruas do Porto, vestido com o meu fato de ganha-saca de cobrança pendente do ombro, ouvi um garotito apregoar em alta voz: «Quem compra «O Trabalhador? Quem compra «O Trabalhador?»!

Esta frase chocou-me fortemente a minha curiosidade: chamei o garotito e disse-lhe: — Que jornal é esse?

Ele respondeu: — É o jornal do meu paizinho, dos meus irmãos e também é seu e de todos os trabalhadores.»

Beneditos o dia e hora em que ele apareceu, pois li-o todo sóbriamente e fiquei radiante de alegria, por saber que agora, tanto eu como os meus camaradas temos o nosso jornal, que é digno da classe a que pertence.

Desde a primeira letra até à última, formam um conjunto a honra e altivez do jornal «O Trabalhador».

Faz o obsequio de me desculpar, Sr. director, desta maçada.

Cria-me leitor amigo do nosso simpático jornal.

António Rodrigues»

milhar do que na nossa terra. Neste país, vive-se em casa.

Sendo Glasgow uma cidade com um milhão e mais de cem mil habitantes, vê-se relativamente pouquíssima gente na rua. Fora da Balsa, há artérias menos importantes (avenidas largas e cheias de casas) que são autênticas «ruas do lá vem tu».

Própria Baixa, um pouco antes das onze horas, já está completamente morta: mais deserta que o nosso Rossio às duas da manhã!

Os cinemas — com sessões contínuas a partir das 14 horas — terminam muitas vezes pouco depois das nove! Não sei de nenhuma casa em que a última sessão cinematográfica acabasse depois das 22.30.

Os teatros acabam pouco depois das 22 horas (começam às 9 e 15 ou 9 e 30 e, regra geral, não têm interrupções, ou um único e pequeníssimo intervalo); os rinks de patinação fecham às 22 horas; apenas um dancing, que eu saiba, fecha às 23 e 15.

Se depois dum espectáculo queremos tomar uma chieira de café com leite e comer um bolo, há que andar depressa porque... a grande maioria das casas fecha às 23 horas. E depois, é preciso correr para os últimos eléctricos: às 23 e 30 já não se faz a maioria das carreiras! Perto da meia-noite, já é raro ver-se um eléctrico e esse, só em certas linhas!

Os sábados à tarde, é quase obrigatório ir ao futebol, às corridas de cães, ou de motos, quando as há.

As mulheres (muito poucas nos campos de futebol) fazem bichas enormes — onde se está, às vezes, uma hora e meia — às portas dos cinemas. As associações de classe ocupam-se pouco. Nas fábricas trocam-se impressões acerca do que há a reuolver, fazem-se mesmo algumas reuniões, se necessárias, e depois limitam-se quase que a ir às Assembleias Gerais, onde elegem os seus dirigentes e manifestam a sua opinião sobre a maneira como a associação deve actuar nos casos mais importantes.

Uma das características deste povo é a sua disciplina, o seu espírito de ordem, a sua organização prática.

Um apontamento que talvez interessasse conhecer e que mostra o seu senso prático: — As fábricas costumam seguir até mesmo os seus trabalhos de reparação, contra o risco de avarias durante as experiências! Apenas mais esta nota final: Neste país não há tabernas nem se passa o dia nessas «câmaras de gás» a que na nossa terra se chama café e, no entanto, pelo menos por aqui, o mundo ainda não parou!...

Desta maneira, o tempo gasto em paragens é insignificante, fazendo os certos percursos enormes em relativamente muito pouco tempo.

Além de muito rápidos, espaçosos e com demoras mínimas nas paragens, os transportes são em número formidável. A saída da «Yarrow», por exemplo, temos transportes contínuos em quatro direcções diferentes, bastando poucos minutos (cerca de um quarto de hora) para fazer desaparecer da rua alguns milhares de operários (pessoal da «Yarrow» e da «Barclay»).

Chegado a casa, o operário lava-se com água quente (que a tem encanada) muda de fato, janta e, ou corre para o cinema ou... vai para a cozinha lavar ou limpar a loiça (ou fazer ambas as coisas se é dia de saída da esposa), ajudar a arrumar a casa e tratar dos filhos pequenos.

Depois, entretem-se no quintal (ali é ajudado pelo mulher) ou no jardimzinho que tem à frente da casa.

Ao serão, lê enquanto nalguns casos a mulher toca piano, ou trata da roupa (bastante mal e a pressa), e depois jogam (jogos diversos mas todos simples) fumam e ouvem televisão.

A ceia (toda a gente ceia aí pelas dez e meia) é muitas vezes preparada pelo marido enquanto a mulher deita os filhos, ou vice-versa. Ela vai para a cozinha e ele deita os pequenos.

Embora diferentíssima da nossa, há aqui, parece-me, muito mais vida familiar do que na nossa terra.

Por informações chegadas até nós, sabemos que em Guimarães, há indícios de que ameaçam de despedimento os operários que assinarem ou lerem «O Trabalhador».

Se isto se passasse em algumas terras, onde o jornal, por ser cristão, é apelidado de «Jornal dos Padres», diríamos que se tratava de jacobinismo. Na cristianíssima Guimarães, a razão não perdiga.

Estes homens esquecem que a consciência é livre.

GONÇALO

EDUCAÇÃO DO POVO

No artigo que publicámos no nosso número de 17 de Abril, subordinado ao tema «A Educação do Povo» apontámos como uma das principais causas do mal-estar social a deficiência da educação popular.

Esta é impossível de ministrar no caso de todas aquelas inúmeras famílias, das quais a mãe sai de manhã para qualquer trabalho e se vê obrigada a deixar os filhos fechados em casa ou abandonados na rua.

Mas a dificuldade existe também no caso daquelas famílias em que a mãe não trabalha fora de casa, mas que não tendo (e só raríssimas têm) um

pedaço de quintal ou de jardim, se vêem obrigadas a manter os filhos em perpétua prisão dentro de uma estreita cozinha ou numa acanhada varanda ou a mandá-los brincar na via pública, onde a par dos perigos físicos dum atropelamento, sempre possível, encontram os perigos morais da companhia daqueles que a rua já estragou. E ainda no caso daqueles rapazes que dispõem dum quintal ou pequeno jardim, a natureza eminentemente social do homem, aconselha, desde a infância, um convívio mais vasto do que o convívio familiar.

Todas as crianças têm, portanto, necessidade fatal de sair de casa, por uma destas razões: ausência da mãe, falta de espaço nas habitações ou simplesmente necessidade natural de convivência. Acontece, porém, que a imensa maioria, saindo de casa, apenas pode passar o tempo na via pública, com os perigos derivados do trânsito, a falta de higiene proveniente da poeira e dos escarros espalhados pelo chão, e a ocasião próxima de aprender lições inconvenientes.

As grandes cidades foram construídas sem se ter em consideração as necessidades imperiosas da vida das crianças. Ninguém pensava nelas.

A mentalidade comum não dava para tanto e não se tem, infelizmente, modificado muito. Há alguns anos construiu-se na região Nordeste de Lisboa, um conjunto de blocos residenciais, com jardins e locais vedados entre eles. O construtor demonstrou ali que tinha viajado por países onde já se havia encarado este problema.

O Bairro a que nos referimos foi adquirido não sabemos por que entidade e todas as suas casas foram distribuídas pelos membros de uma corporação de servidores do Estado. Pois aqueles jardins e locais estão perpétuamente encerrados, fechados à chave e entregues à guarda de certo indivíduo que os miúdos consideram o inimigo número um, porque lhes tira as bolas de trapo, que involuntariamente para lá atiram durante os seus jogos na via pública!

O problema está posto. É um problema de segurança, um problema de higiene, e um problema de educação que é preciso resolver em benefício das crianças de Portugal e de modo especial das crianças de Lisboa e outros importantes cidades.

SABEDORIA DE TRAZER POR CASA

Quer saber quando chove? Há um provérbio que diz: Se queres mentir fala no tempo que há-de vir.

No entanto, registamos dez «previões» que nos manda o leitor:

1. Quando vierdes o cardo fechar as escamas azedas.

2. Quando começar a levantar-se o pé do trevo.

3. Quando os bichos saírem em grande abundância da terra.

4. Quando as aves domésticas se revolverem muito na caçoelira.

5. Quando os gansos andarem muito à doida na água.

6. Quando os carneiros saltarem muito e andarem muito às turras.

7. Quando as abelhas se alastarem pouco das colmeias.

8. Quando as andorinhas andarem em voo rápido junto ao solo.

9. Quando os patos grassarem muito e alegremente.

10. Quando verdes o céu muito escuro e tempestuoso.

O jornal acrescentava:

Fundamentalmente, sobre essas demoras e suas consequências não se encontrava a Câmara habilitada a exercer uma fiscalização técnica eficiente, por falta de pessoal.

E o jornal rematava textualmente:

«Não explicou o presidente da Câmara a razão dessa falta mas sabe-se — porque isso já foi referido na imprensa — que existem duas causas fundamentais de tal deficiência: uma o reduzido número de funcionários dos quadros dos Serviços de Urbanização e Obras que estão hoje, sensivelmente, no nível de há 20 anos, quando o certo é que, de então para cá, a cidade alargou consideravelmente e, consequentemente, os respectivos trabalhos de conservação; o facto de grande parte do pessoal técnico procurar a indústria particular».

Dez vezes «nunca»

1. Nunca exageres as coisas.

2. Nunca reveles segredos de outrém.

3. Nunca te rias do mal do próximo.

4. Nunca deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

5. Nunca chegues tarde a suas obrigações.

Damos por encerrado o nosso curso de quadras, visto ter cessado o caudal das produções enviadas. Pena é que não tenha tido a amplitude que desejávamos quando o lançamos, mas para o caso vamos buscar uma explicação à dificuldade de «trovar». No entanto, damos-nos por satisfeitos com algumas das quadras enviadas. Publicaremos as que realmente têm mérito, e é natural que consigamos, nos acanhados e instáveis limites da secção, um cantinho para as que o júri classificar com menção honrosa.

Responda se sabe...

(...e se não sabe leia um dos próximos números)

- 1) Quem inventou o hélice dos navios?
2) Um aluno de instrução primária multiplicou 202 por um certo número que lhe ditaram.
Obteve 263610 para produto.
O professor disse que se tinha enganado pois o último algarismo do número ditado era 8 e não 5 como ele tinha escrito.
Qual o produto verdadeiro e qual o número ditado?

Respostas ao n.º 13

1) Alergia é a sensibilidade anormal do sistema neuro-vegetativo ou simpático. Na terapêutica dessa doença estão a adoptar-se os chamados anti-histaminicos.

«Sir» Henry Dale, Prémio Nobel, chamou em 1910 a atenção para a histamina, a grande culpada da alergia.

A histamina aumenta a permeabilidade capilar, os anti-histaminicos, opõem-se a tal.

Os anti-histaminicos não curam a alergia, a doença dos fenos, certas doenças de pele, os anti-histaminicos combatem eficazmente certos estados alérgicos e ajudam os doentes a suportar alguns dos tratamentos chamados específicos. Deve notar-se que o choque alérgico é muito vizinho do choque anafilático e da intoxicação histaminica. O choque alérgico pode traduzir-se, é bom insistir, por um ataque de febre dos fenos, eczema, urticária, prurido, edema e asma.

2) Ano-luz é a distância percorrida num ano pela luz.

Sabendo que a luz percorre cerca de 300.000 quilómetros por segundo, é fácil avaliar o número de segundos num ano hipotético de 360 dias e multiplicando por aquela cifra teremos expressa em quilómetros a distância.

Ao fim e ao cabo, os astrónomos arranjaram esta expressão para os seus cálculos: 9,463x10¹⁷ (dez elevado a doze) quilómetros.

Sabendo que a luz de algumas estrelas leva muitos anos a chegar à terra, por aquela expressão se poderá fazer uma pálida ideia da amplitude do firmamento.

3) Diário, jornal e diário têm, como dizem comum a palavra latina dies (que quer dizer dia). Na palavra jornal é mais difícil encontrar aquela origem; tornar-se-á, porém, mais fácil se admitirmos outras formas intermédias, como, por exemplo, giorno palavra italiana que quer dizer também

dia e que se pronuncia diorno. A palavra jornal não pode considerar-se galicismo como muitos pretendem.

Em português, temos a palavra jornal e jornal que quer dizer trabalho de um dia.

4) A palavra efeméride deriva do grego epi (sobre) e hemére que significa dia.

5) Geografia linguística é a ciência que estuda as variações duma língua de região para região. Os investigadores elaboram mapas em que registam essas variações as quais têm importância para o estudo comparado das outras línguas.

Dois exemplos, apenas. A palavra cejonha tem em diversas regiões o sentido de enpenho para tirar água. A geografia linguística procura registar os nomes diversos que esse enpenho toma em todas as regiões. O segundo exemplo:

A palavra ejo deriva do latim ejo; nesta forma a consoante intervocálica caiu e ficou eo, que fica a um passo apenas da forma actual eu. Em espanhol, a forma correspondente é yo; em italiano é io e em francês je. Como é que de ejo, no latim, se passou às mais diversas formas das línguas românicas?

A geografia linguística regista em relação a cada país, as variantes de pronúncia do pronome pessoal da 1.ª pessoa. E o que é facto é que se encontram gradações intermédias entre todas aquelas formas, pelas quais se verifica a origem comum ejo.

6) São muitas, mesmo muitas, as palavras gregas existentes em português. Fotografia, filosofia, telefone, telegrafia, microfone, alfabeto, e tantas outras da vida corrente.

Panorama por exemplo, é composta de pan que quer dizer tudo (do adjetivo pan, páis, pan) e orama (do verbo orar) que quer dizer ver — tudo ver.

As palavras gregas onde têm mais gasto é entre os eruditos, especialmente os cientistas, os médicos.

7) Nem todos os mudos são realmente mudos: são é totalmente surdos-mudos; só uma percentagem mínima dos surdos-mudos é que são realmente mudos.

Os surdos-mudos podem falar e a prova podem os leitores lêr-lá se visitarem os institutos (que entre nós existem também) frequentados por eles, a Casa Pia, por exemplo.

Professores especializados conseguem, com prodígios de paciência, tirar sons (é o termo) e pôr um mudo a falar.

Já presenciámos uma vez o espectáculo emocionante de um garoto de 12 anos dirigir um discurso de saudação, ao Chefe do Estado, em nome dos seus colegas, numa voz monocórdica e martelada mas perfeitamente compreensiva.

8) Nesse mesmo dia e no mesmo local, assistimos a uma lição de tirar sons dos mudos. Como não ouvem pelos ouvidos, têm de ouvir com os olhos, quer dizer, suprem o sentido do ouvido pelo da vista.

Aprenderam pelo mover dos lábios a diferenciar as letras e o seu agrupamento e sequência nas palavras. A expressão ver com as mãos diz respeito aos cegos.

Eles lêem os sinais do sistema Braille, em relevo, com as pontas dos dedos e sem sofrerem, antes com uma rapidez que assombra.

PALAVRAS CRUZADAS

Grid for crossword puzzle with letters and numbers.

HORIZONTAIS: 1 — Nome de uma antiga província portuguesa, que ficava na região algarvia; uma das

VINTE ANOS DE GOVERNO

(Continuação da 1.ª página)

quintes: a segurança e dignidade do trabalho, o acesso à propriedade, o acesso à educação e por intermédio desta ao exercício de todas as funções, e finalmente, através da organização, a respectiva representação do Estado. Duas palavras resumirão o essencial.

Desenraizado da terra, da casa, da oficina, e sem o ponto de apoio da família, que se desagraja a olhos vistos nos tempos modernos, a sensação mais penosa do homem é a que lhe vem do desconhecimento e da precariedade da sua própria ocupação. Em substituição do direito à assistência que a Constituição de 1911 inqüena e inutilmente estabeleceu, fomos, creio eu os primeiros a proclamar um novo direito, inédito e revolucionário: o direito ao trabalho. A execução prática e integral deste direito, que naturalmente importa nos casos extremos o sacrifício ao menos ocasional da profissão habitual, trará ao actual regime da economia graves dificuldades que não se sabe ainda como vencer, mas tem de reconhecer-se que é o ponto de partida da segurança do trabalhador.

Al lado da segurança, a dignidade do trabalho. A integração do trabalhador no processo da produção é um facto material, mas a consciência da função desempenhada e o reconhecimento pela empresa dos valores humanos ao seu serviço entram na reforma social como expressão de solidariedade humana, proveitosa a todos e fonte de direitos e deveres. É contra este princípio a organização que possa actuar no inteiro desconhecimento dos trabalhadores, como pessoas conscienciosas ou valores individuais. Por outro lado a convicção do trabalhador de que terá conquistado maior grau de liberdade quando, desprendido de laços pessoais, busca ou aceita a posição de simples unidade num conjunto fabril, é filha de uma deformação do seu espírito e sinal de que em vez de colaborar na empresa como homem, lhe interessa apenas vender o seu trabalho como força.

Além dos hábitos de ordem que se farão desenvolver na criança, até ao ano e daí em diante, também se cuidará, desde lá, de acordar a sua pequenina alma para a vida.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Além dos hábitos de ordem que se farão desenvolver na criança, até ao ano e daí em diante, também se cuidará, desde lá, de acordar a sua pequenina alma para a vida.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

Primeiro ensinar-se-lhe a boa disposição: para isso há-de falar-se à criança num tom de voz doce e carinhoso; há-de provocar-se o seu riso, sorrindo para ela e alegrando-se com ela; há-de se estender os braços para ela e levá-la a estender também os seus bracinhos; conversar-se-lhe muito e o seu filho.

«O trabalho operário, como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados».

Nenhuma pregação será, porém, suficiente para acreditar o trabalho como função social digna se não existirem com a necessidade o sentimento do dever de prestar um serviço efectivo à sociedade e a consciência de que é imoral a desproporção voluntária. Se se reconhece uma garantia de estabilidade e progresso na posse individual da riqueza não deve tirar-se daí a conclusão de que social ou moralmente seja admissível viver dela sem trabalhar. A generalização do trabalho, mesmo por via de obrigatoriedade legal será assim senão o melhor, um dos caminhos da sua dignificação.

A propriedade dos bens de gozo é existência da natureza do homem mas a dos bens produtivos para sua exploração individual ou por intermédio do trabalho alheio é antes uma vocação ou, se se quiser, uma competência. Todas as reformas que desonheçam esta realidade e pressupõem em todo o homem capacidade para dirigir o trabalho e administrar a riqueza encaminham-se ao fracasso económico e social. Daqui nascem todas as nossas reservas em relação a reformas, supostas ou usadas, que dão aos técnicos e operários, pela sua simples posição de técnicos e operários, participação na direcção das empresas. Aqui se filiam ao lado da rasgada tendência para a ascensão do maior número à propriedade, os cuidados postos, por exemplo, na escola dos colonos para os casais agrícolas. Mas aqui vêm, por outro lado, as facilidades concedidas e o desenvolvimento dado à construção de casas económicas. Entende-se que essa casa própria em plena propriedade devidamente garantida equilibrará pelos laços físicos e morais a morbida tendência para a desagregação a que a família operária está mais intensamente sujeita.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

«O trabalho operário, como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados».

Nenhuma pregação será, porém, suficiente para acreditar o trabalho como função social digna se não existirem com a necessidade o sentimento do dever de prestar um serviço efectivo à sociedade e a consciência de que é imoral a desproporção voluntária. Se se reconhece uma garantia de estabilidade e progresso na posse individual da riqueza não deve tirar-se daí a conclusão de que social ou moralmente seja admissível viver dela sem trabalhar. A generalização do trabalho, mesmo por via de obrigatoriedade legal será assim senão o melhor, um dos caminhos da sua dignificação.

A propriedade dos bens de gozo é existência da natureza do homem mas a dos bens produtivos para sua exploração individual ou por intermédio do trabalho alheio é antes uma vocação ou, se se quiser, uma competência. Todas as reformas que desonheçam esta realidade e pressupõem em todo o homem capacidade para dirigir o trabalho e administrar a riqueza encaminham-se ao fracasso económico e social. Daqui nascem todas as nossas reservas em relação a reformas, supostas ou usadas, que dão aos técnicos e operários, pela sua simples posição de técnicos e operários, participação na direcção das empresas. Aqui se filiam ao lado da rasgada tendência para a ascensão do maior número à propriedade, os cuidados postos, por exemplo, na escola dos colonos para os casais agrícolas. Mas aqui vêm, por outro lado, as facilidades concedidas e o desenvolvimento dado à construção de casas económicas. Entende-se que essa casa própria em plena propriedade devidamente garantida equilibrará pelos laços físicos e morais a morbida tendência para a desagregação a que a família operária está mais intensamente sujeita.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

1.º DE MAIO AS GIESTAS

Neste dia, em todas as cidades, vilas e aldeias norte-nas, onde se guardam as tradições antigas, se vêem as portas floridas de ramos com pequenas esbeltas antarcas — a giesta. Diz-se que o costume vem de antanho e lembra uma cena passada no Egipto, que todos os anos se recorda em terras de Portugal.

Jesus Menino andava fugido em terras do Egipto, mas numa noite foi descoberto por um soldado, emissário de Herodes, a morada onde se escondia com seus Pais. Como era tarde resolveu o soldado marcar a casa com um ramo de giesta, na intenção de voltar na manhã seguinte à casa assim assinalada e prender o pequenino.

Mas, na manhã seguinte, para grande espanto seu, todas as portas daquelas redondezas estavam guardadas do ramo florido de giesta e não lhe foi assim possível encontrar de novo o menino que procurava prender.

O costume de neste dia enfiar assim com giesta os portais, é sinal de que os nossos avós repetindo o gesto daquele dia, bem compreenderam o sentido da lenda — os homens são irmãos, devem ser cum por todos e todos por um e o pobre, o doente, o perseguido, o velho e a criança, não de receber dos seus irmãos a protecção e auxílio que o seu coração lhes pede.

Todos temos de ajudar a defender o pobre e o desprotegido, e devemos de o abrigar e esconder no nosso próprio seio.

Por isso, em sinal da nossa caridade, ponhamos também a enfiar as nossas portas, o raminho de giesta. Ele será o símbolo da nossa fraternidade.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

Estes princípios, que formam como que o enquadramento moral de legítimas reivindicações materiais, não representam promessas nem são impossibilidades visto que vêm inspirando toda a acção. O nosso espírito é tão largo, tão aberto neste domínio que não recusamos confrontos nem temos encontrado dificuldades nas conferências internacionais em relação a reivindicações de ordem social, com a única excepção das que poriam em perigo uma economia ainda frágil.

Que o conjunto dos trabalhadores portugueses, largamente beneficiários de uma obra que, sendo já tão vasta, consideramos ainda em começo, a seguir com inteira compreensão, não ouso afirmá-lo. Para além da massa de indiferentes continua a haver alguns espíritos formados no nequívismo da inveja e do ódio aqui como em toda a parte solicitados, em estranha concorrência de vantagens abstractas, por sectores que diríamos antipodados da sociedade. Não trabalhamos assim. Apesar disso, um escol valioso, alheio aos paixões que são características da luta social do momento no Mundo, acompanha com o maior entusiasmo este trabalho. A verdadeira revolução que ele importa exige porém a transformação da mentalidade geral. E tudo estaria comprometido se não a pudessemos realizar.

As nossas leis não reconhecem privilégios de fortuna ou nascimento, mas porque a sociedade possui naturalmente uma hierarquia, verifica-se a favor das classes mais abastadas a persistência de privilégios de facto resultantes da forma como está organizada a educação. Considerar abertas as classes e profissões pouco mais representará do que afirmação doutrinária se os meios de educação não se encontrarem praticamente acessíveis a todos em igualdade de inteli-

gência e capacidade. Não só haverá a maior vantagem social no aproveitamento dos maiores valores, porventura ignorados ou perdidos, como a possibilidade de subir ou fazer subir os seus na escala das profissões ou no meio social faz que a igualdade perante a lei assumia aos olhos de todos um aspecto realista que de outra maneira se lhe não exterioriza.

Por fim a organização. Seja qual for o interesse e força do Estado em fazer reconhecer a justiça ou em realizar a transformação social a que se aludia o trabalho operário como todas as actividades, devem numa sociedade bem ordenada encontrar-se organizados. No conceito de Estado que desejaria ver realizado a organização é uma necessidade. Não se trata de prever ou preparar a luta sem sentido em ambiente de colaboração, mas de representar interesses que têm de ser considerados comparados e defendidos na concorrência com muitos outros. A representação desses mesmos interesses no Estado através das Corporações é a maior consagração da sua importância e legitimidade.

</

